

245

246

5_o

VERS UN LIEU PUBLIQUE

Alexandre Cingria-Veneyre, em *Les entretiens de la villa du Rouet*, afirmou:

«Notre âme classique, en effet, ne peut qu'évoluer dans une formule gréco-latine.»²⁹²

No final do exemplar que Jeanneret obtem desta obra em Outubro de 1910 – e que tanto o influenciou –, acrescenta à mão, a 23 de Novembro de 1910, a seguinte inscrição:

«[...] pleinement d'accord avec l'esprit général et génial [...] pour moi, ce livre vient favorablement aider à mon orientation. Il provoque l'examen, les déductions normales, claires, lumineuses ; il desserre pour moi l'étau germanique. Dans une année, à Rome, je le relierai, et, par des esquisses, je fonderai ma discipline jurassique neuchâteloise.»²⁹³

Charles-Edouard Jeanneret, seguindo uma tradição ruskiniana que foi herdada através do seu mestre L'Eplattenier, era, durante o seus anos de estudo em La Chaux-de-Fonds, um profundo admirador das grandes obras do passado, em geral, e do Neo-gótico, em particular. Por volta de 1910, uma série de encontros e leituras fazem com que, embora os seus interesses continuem a incidir igualmente sobre as grandes obras do passado, agora passem a centrar-se em particular sobre as obras da Antiguidade Grega e Romana.²⁹⁴ Le Corbusier não faz mais que seguir uma tendência já existente na Europa no século XIX, a partir do momento em que se começaram a desenrolar os estudos arqueológicos empreendidos após a libertação da Grécia em 1833, e após a

direcção de Giuseppe Fiorelli das escavações de Pompeia em 1860 (e, em particular, com a fundação da École Française d’Athènes em 1846, e da École Française de Rome em 1875): havia já desde esta altura uma percepção de que a base da modernidade deveria ser o estudo da Antiguidade das civilizações clássicas. Raoul-Rochette, afirmara mesmo que a fundação da École Française d’Athènes era a de «promover a civilização moderna» através do estudo «do berço da civilização antiga»²⁹⁵, enquanto Henry Van de Velde, no seu «Gedanken für einen Vortag», publicado em Vom neuen Stil, de 1907 – republicado como «Suite d’idées pour une conférence», em *Formules de la beauté architectonique moderne*, de 1916-17 – explicou que a criação da modernidade a partir da Antiguidade Clássica estivera na origem do programa de estudos que dirigiu em Weimar, desde 1908.²⁹⁶

A 1 de Março de 1911, Jeanneret escreve a William Ritter:

«Vous avez évoqué, dernièrement, majestueusement, cette grande attirance de la lumière latine et classique. [...] Mon esprit s’est, en ces mois, tant ouvert à la compréhension du génie classique, que mes rêves, obstinément m’ont porté là-bas. Toute l’époque actuelle, (n’est-ce-pas ?) regarde, plus que jamais vers ces terres heureuses où blanchissent les marbres rectilignes, les colonnes verticales et les entablements parallèles à la ligne des mers.»²⁹⁷

Le Corbusier demonstrou por diversas vezes e tautologicamente, através dos seus escritos, uma forte analogia entre a arquitectura greco-romana e a lógica da produção moderna: no interior de *Vers une architecture*, por exemplo, encontra-se uma mescla de fotografias de silos, automóveis, aviões, embarcações – arquitectura civil e invenções da engenharia mecânica dos séculos XIX e XX –, com fotografias de edifícios gregos e romanos.²⁹⁸ Por outro lado, vários autores demonstraram a relação entre as singulares obras arquitectónicas de Le Corbusier e os edifícios da Antiguidade Clássica – grega, ou romana –, que este conheceu.

É agora a vez de, à escala do urbanismo, do desenho dos espaços públicos de congregação, Le Corbusier renovar igualmente a analogia entre a Antiguidade Clássica

292.

«A nossa alma clássica, efectivamente, não pode deixar de evoluir de uma forma greco-latina.» Alexandre Cingria-Veneyre, *Les entretiens de la villa du Rouet. Essai dialogué sur les Arts Plastiques en Suisse Romande*. Genève: A. Julien, 1908, p. 9.

293.

«[...] plenamente de acordo com o espírito geral e genial [...] para mim, este livro vem ajudar favoravelmente a orientar-me. Provoca a análise, as deduções formais, claras, luminosas; abranda em mim a espiral germânica. De aqui a um ano, reatarei o seu pensamento e, através de esquiços, fundarei a minha disciplina jurássica neuchâteloise.» FLC J 392. Jeanneret terá tomado contacto com esta obra por primeira vez pouco antes, durante a primavera do mesmo ano de 1910, em casa de William Ritter.

294.

Para além de contactar com a obra de Alexandre Cingria-Veneyre, neste mesmo período contacta com grandes representantes do pensamento neo-clássico, como Dalcroze, e o grupo de intelectuais de Neuchâtel do qual faz parte Adolphe Appia.

295.

Raoul-Rochette, «Rapport fait au nom de la commission chargée de préparer les propositions destinées à régulariser les travaux de l’École française d’Athènes, le 8 mars 1850», Archives des Missions Scientifiques et Littéraires, I, 1850, p. 185.

296.

«Et, tandis que j’évoquais devant les élèves de cet Institut de Weimar le plus lointain avenir, je leur disais qu’ils se dirigeaient en même temps vers l’Antiquité» («E, ao mesmo tempo que evocava, diante dos alunos do Instituto de Weimar o mais longínquo futuro, dizia-lhes que se dirigissem, ao mesmo tempo, em direcção à Antiguidade.» Henry Van de Velde, num livro pertencente à biblioteca pessoal de Le Corbusier e dedicado pelo autor a Le Corbusier, Henry Van de Velde, *La Voie sacrée*, [s.l.], 1933 (FLC Z 0057).

297.

«Evocou, ultimamente, majestosamente, esta grande atracção da luz latina e clássica [...] o meu espírito está, nestes meses, tão aberto à compreensão do génio clássico, que os meus sonhos, obstinadamente, me transportaram lá. Toda a época actual, (não é assim?) olha mais que nunca para estas terras felizes onde branqueiam os mármoreis rectilíneos, as colunas verticais e os entablamentos paralelos à linha dos mares.», Charles-Edouard Jeanneret, carta a William Ritter, de Neubabelsberg, de 1 de Março de 1911, FLC R3-18-59.

298.

Le Corbusier-Saugnier, *Vers une architecture*, cit., *passim*.

as singulares obras arquitectónicas de Le Corbusier e os edifícios da Antiguidade Clássica – grega, ou romana –, que este conheceu.

É agora a vez de, à escala do urbanismo, do desenho dos espaços públicos de congregação, Le Corbusier renovar igualmente a analogia entre a Antiguidade Clássica e a sua produção.

Depois da segunda grande guerra, e com uma atitude profundamente moderna, Le Corbusier repensa o urbanismo segundo uma lógica inovadora, sem atender a preconceitos nem regras impostas no passado, negando automatismos e conformismos, transformando morfologicamente o espaço urbano e invertendo absolutamente as lógicas compositivas da cidade horizontal, imperantes na época.

Começa por se perguntar o que deve ser o urbanismo no tempo presente. Através dos seus planos urbanos, concebe uma verdadeira promessa de vida moderna. A zona de habitação é constituída por um centro cívico e várias cidades verticais. Se, ao nível do solo, inaugura um lugar composto por um aranha-céus de serviços administrativos (câmara municipal, quartel de polícia, câmara de comércio, tesouraria, segurança social), um edifício destinado ao turismo, artesanato e cafés, um centro comercial, uma versão do museu de crescimento ilimitado, um hotel, no topo de cada uma das cidades verticais, a 50 metros do chão, inaugura um lugar apetrechado com ginásio, vestiários, solário, torre de elevadores, sala de jogos calmos da creche, chaminés, «teatro espontâneo», piscina, «montanhas artificiais», muros, bancos, floreiras. Trata-se de lugares de congregação e representação do colectivo, apetrechados dos instrumentos da mais profunda contemporaneidade, instrumentos fundamentais à ocorrência do que intitula a «vida de uma civilização maquinista». Se o primeiro consiste num lugar público de congregação à escala de toda a polis, o segundo consiste

num lugar que cumpre o mesmo papel, mas à escala da cidade vertical que constitui cada uma das unidades de habitação.

No entanto, e igualmente com uma atitude profundamente moderna, o que faz Le Corbusier ao desenhar estes lugares públicos não é mais que recriar a espacialidade grandiosa e pitoresca dos lugares públicos da Antiguidade, os lugares de representação e glorificação do colectivo que estiveram na origem da nossa cultura e que constituem o âmago da nossa tradição. Através de um apurado conhecimento histórico mas também de abstracção – que pressupõe uma das mais preciosas conquistas do pensamento moderno, a suspensão voluntária da sucessão e compartimentação temporal, assim como das subsequentes explicações evolutivas e catalogações –, faz uso de uma visão sincrónica dos lugares públicos da Antiguidade, vinculando o passado ao presente, estabelecendo entre eles contactos, sobreposições.

Le Corbusier já teria afirmado, em «Esprit grec – Esprit latin – Esprit gréco-latin», publicado na revista *Prelude* em 1933:

«ESPRIT GREC – ESPRIT LATIN

»ESPRIT GRECO-LATIN

»Bien entendu, ce sont ici des mots dont le contenu s'évade du vase primitif, antique, et exprime des situations nouvelles, des situations qu'on pourrait appeler 'proportionnelles', c'est-à-dire équivalentes, de même nature.»²⁹⁹

Le Corbusier faz uso de um verdadeiro sentido histórico, tal como o definiu T. S. Eliot, autor representado na sua biblioteca pessoal³⁰⁰:

«[...] o sentido histórico compreende uma percepção não só do passado como passado mas da sua presença; o sentido histórico compele o homem a escrever não apenas com a sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento e que toda a literatura europeia desde Homero, e nela a totalidade da literatura da sua pátria, possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do intemporal bem assim como do temporal, e do intemporal e do temporal juntos, é o que torna um escritor tradicional. E é, ao mesmo tempo, o que

299.

«ESPÍRITO GREGO, ESPÍRITO LATINO. ESPÍRITO GRECO-LATINO. Eis palavras das quais o conteúdo se evade do lodo primitivo, antigo, e exprime situações novas, situações a que se poderia chamar 'proporcionais', ou seja, equivalentes, da mesma natureza.» Le Corbusier, «Esprit grec – Esprit latin – Esprit gréco-latin», Jun. de 1933, FLC B3-5-243; in *Prelude*, n. 2, 15 de Fev. de 1933.

300.

Tomas Stearns Eliot, *From Poe to Valéry*. New York: Harcourt, Brace and Co., 1948, FLC J 327.

toda a literatura europeia desde Homero, e nela a totalidade da literatura da sua pátria, possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do intemporal bem assim como do temporal, e do intemporal e do temporal juntos, é o que torna um escritor tradicional. E é, ao mesmo tempo, o que torna um escritor mais agudamente consciente do seu lugar no tempo, da sua própria contemporaneidade.»³⁰¹

Tal como numa das suas viagens de juventude, os grandes modelos exemplares da Antiguidade não são analisados de acordo com a sua posição num mapa cronológico; se na sua *Voyage d'Orient* se seguiam, um após outro, de acordo com um itinerário baseado numa lógica geográfica, agora tornam-se disponíveis em conjunto e em permanência, prontos a ser evocados a qualquer momento.

Estes lugares arquetípicos que pertencem tanto à sua memória biográfica como à memória colectiva da História da Arquitectura, distantes no espaço e no tempo, tornam-se próximos graças a anamnéticos (à sua colecção de postais, às suas fotografias, aos seus desenhos de viagem), ou tão só às suas próprias memórias, ou seja, às noções compiladas ao longo do tempo, fruto do trabalho de um verdadeiro coleccionista. Estes lugares passam a ser entendidos como uma espécie de potência disponível.

Para passar dos grandes lugares públicos da Antiguidade a uma arquitectura do presente, Le Corbusier não copia servilmente as suas formas: o que propõe não é um regresso, mas uma reintegração dos valores destas formas. Submete-as a um estudo analítico, manipulando-as e estabelecendo com elas uma relação activa: distingue o permanente do temporário, o essencial do accidental, desgloçando assim os seus componentes básicos e extraindo as suas regras de composição mais profundas.

Le Corbusier torna os modelos exemplares da Antiguidade na operativa matéria-prima do presente, pronta a ser transformada cognitivamente e, assim, prolongada e renovada – actualizada.

Ao criar os elementos que integram as estruturas compositivas – baseadas na espacialidade da Antiguidade Clássica –, Le Corbusier recorre uma vez mais às suas memórias, aos seus projectos anteriores e aos espaços paradigmáticos das suas viagens, juntando vários objectos, provenientes de origens e épocas distintas, aqui tornados coincidentes no espaço e no tempo. Tal como no centro cívico cria uma série de edifícios baseados no Musée d’Art Contemporain de Paris de 1931, na sala de espectáculos do Palais des Soviets de 1930, no edifício da Cité d’Affaires do Plano Director de Argel de 1938-42, em modelos publicados em *Manière de penser l’urbanisme*, no *toit-terrasse* da unidade de habitação cria um ginásio de acordo com o modelo de casas populares realizadas com troços de barco, uma torre à semelhança das que ocupam uma praça pública, uma creche de acordo com a sua teoria sobre os pilotis, umas chaminés à semelhança das que continham os grandes paquetes em que Le Corbusier atravessou o Atlântico, montanhas artificiais à semelhança das que eram contempladas no jardim assírio, romano, medieval, maneirista italiano ou inglês, um pódio à semelhança dos púlpitos antigos.

Le Corbusier já teria referido, dessa vez a propósito dos objectos que deveriam ocupar o espaço doméstico:

«Nous aurions goût à en rassembler des séries que nous déclarerons tous contemporains devant notre sensibilité, bien qu’ils ne le soient nullement dans le temps. L’anachronisme, ici, ne se mesure pas à l’échelle du temps ; il ne surgit que dans le hiatus des choses, d’âmes disparates. Le contemporain sur ce plan de la sensibilité, c’est rencontre d’âmes sœurs. Et des objets venus de tous les temps et lieux peuvent prétendre à cette paternité.»³⁰²

Le Corbusier dá-nos assim as pistas para a determinação das preocupações basilares que estão na origem do desenho dos seus lugares públicos de congregação. Indica-nos

301.

Tomas Stearns Eliot, «A tradição e o talento individual», in *Ensaio de doutrina crítica*. Lisboa, Guimarães editores, 1962, p. 23.

302.

«Será do nosso gosto reunir séries de objectos que declaremos todos contemporâneos perante a nossa sensibilidade, ainda que não o sejam de modo nenhum no tempo. O anacronismo, aqui, não se mede à escala do tempo; surge apenas do hiato de coisas dotadas de almas díspares. Neste plano da sensibilidade, o contemporâneo é o encontro de almas gémeas. E objectos vindos de todos os tempos e lugares podem reivindicar essa fraternidade.» Le Corbusier, *Entretien avec les Étudiants des Écoles d’Architecture*. Paris: Denoël, 1943, p. 75.

c'est rencontre d'âmes sœurs. Et des objets venus de tous les temps et lieux peuvent prétendre à cette paternité.»

Le Corbusier dá-nos assim as pistas para a determinação das preocupações basilares que estão na origem do desenho dos seus lugares públicos de congregação. Indica-nos que apenas se pode estabelecer uma possibilidade de construção de um lugar público de representação e glorificação do colectivo a partir da fundação de um conhecimento que tem como base o entrosamento com a experiência precedente, vista à luz de um tempo presente.

Estes lugares de reunião deverão portanto constituir a continuação da transformação tipológica das grandes praças públicas da Antiguidade, segundo os critérios de um tempo em que são idealizados.

Le Corbusier poderá ter escutado a mensagem mais profunda de Camillo Sitte – que, no que diz respeito aos espaços públicos de congregação, tanto o estimulou na observação dos grandes modelos exemplares da Antiguidade Clássica, grega e romana:

«Supposons qu'on veuille créer dans une ville nouvelle un quartier à la fois grandiose et pittoresque, ne servant qu'à la représentation et à la glorification de la vie communale. Il ne suffirait pas de dessiner à l'aide de la règle des alignements parfaits, il faudrait aussi, pour obtenir les effets des anciens maîtres, avoir sur nos palettes leurs couleurs [...] La vie moderne pas plus que la science technique moderne ne permettent de copier servilement la disposition des villes anciennes. Il faut le reconnaître si nous ne voulons pas nous abandonner à une sentimentalité sans espoir. Les modèles des anciens doivent revivre aujourd'hui autrement qu'en des copies consciencieuses ; c'est en examinant ce qu'il y a d'essentiel dans leurs créations et en l'adaptant aux

circonstances modernes que nous pourrons jeter dans un sol devenu apparemment stérile une graine capable de germer à nouveau.»³⁰³

303.

«Suponhamos que queremos criar, numa cidade de raiz, um quarteirão grandioso e pitoresco, não servindo para outra coisa que não seja a representação e glorificação da vida em comunidade. Não será suficiente desenhar com a ajuda da regra dos alinhamentos perfeitos; será também necessário, para obter os efeitos dos mestres antigos, ter as suas cores nas nossas paletas [...] A vida moderna, assim como a ciência técnica moderna, não permitem copiar servilmente a disposição das cidades antigas. Há que reconhecê-lo, se não queremos deixar-nos levar por uma sentimentalidade sem futuro. Os modelos dos antigos devem ressuscitar hoje em dia através de algo mais que simples cópias conscienciosas; [...] é examinando o que há de essencial nas suas criações e adaptando-o às circunstâncias modernas que podemos lançar sobre um solo aparentemente estéril uma semente capaz de germinar novamente.» Camillo Sitte, *op. cit.*, p. 145.

255

256

A COBERTURA DA *UNITÉ D'HABITATION* DE MARSELHA E A PERGUNTA DE LE CORBUSIER PELO LUGAR PÚBLICO



